

Descolonizar a Europa com a subtileza da memória

Europa Oxalá reúne obras de artistas europeus, cujos pais e avós nasceram ou viveram no Continente Africano

José Marmeleira Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

Aimé Mpane, Aimé Ntakiyica, Djamel Kokene-Dorléans, Mohamed Bourouissa, Mónica de Miranda, Sabrina Belouaar, Kati Kameli, Sandra Mujinga, Sara Sadik são todos artistas afro-europeus e integram a exposição *Europa Oxalá*, que está desde ontem na Galeria Principal da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, e termina a 22 de Agosto.

A lista de participantes não termina aqui, no total são 21, e apresentam trabalhos nas mais diversas linguagens, oferecendo aos visitantes um retrato triplo. O que quer isto dizer? Que podem ver-se obras representativas de uma arte, de uma identidade e de um território. O título, *Europa Oxalá* é esclarecedor, na sua riqueza semântica. Tanto remete para a expressão árabe *Insha'Allah* (“se deus quiser”), como para a prosaica “oxalá” que, nas palavras de António Pinto Ribeiro, um dos curadores da exposição – juntamente com os artistas Katia Kameli e Aime Mpane –, “traduz uma ideia de futuro, de algo que vai acontecer, uma ideia de futuro em construção”.

Esta é uma exposição que, embora reconhecendo o passado, aponta ao horizonte do futuro. Ou dito de outro modo, os trabalhos que a compõem – na sua extraordinária diversidade – não se quedam num impasse desesperado ou mudo. E, acima de tudo, não são prescritivos. O tom dos discursos e das imagens é o da reparação, da compaixão, do reencontro, da fraternidade, mesmo quando persistem os ecos dos traumas da História da colonização e do imperialismo. Só deste modo será possível conceber uma desconstrução do pensamento colonial, logo, a descolonização do próprio mundo.

Sem nostalgia do regresso

A palavra mundo tem um significado incontornável para os três curadores. Todos insistem que a exposição é fei-

ta para o mundo, um mundo em acelerada transformação. Apresentada no MUCEM - Musée des Civilisations de l'Europe et de la Méditerranée de Marselha, *Europa Oxalá* seguirá para o Museu Real da África Central - AfricaMuseum, em Tervuren, na Bélgica, após a apresentação em Lisboa, no âmbito da Temporada Cruzada Portugal-França. À entrada da Galeria Principal da Fundação Calouste Gulbenkian, uma escultura em gesso replica dois punhos fechados sobre os quais repousa um cinto. A peça chama-se *Dada* e remete para a vida do pai de Sabrina Belouaar (Paris, 1986), de ascendência argelina, que foi operário numa fábrica de cintos. Do que nos fala? Da resistência, da dor, do trabalho? O que nos esconde e revela? Na série de imagens *Tales of Lisbon*, a artista Mónica de Miranda (Porto, 1976) diz-nos que são as de uma Lisboa pós-colonial que desapareceu, soterrada no progresso económico do país. Mas não é apenas das memórias (do passado) que a exposição se faz.

Não faltam propostas que lidam com as novas tecnologias, com o digital, com a cultura pop ou a ficção científica (Sandra Mujinga, Sara Sadik, Josèfa Ntjam). Ou que exploram o desenho e a pintura com entusiasmo e complexidade (Francisco Vidal ou Nú Barreto, artista natural de Guiné Bissau). O que liga, entre si, estes artistas? O que os reuniu neste espaço? “A exposição decorre do trabalho que tenho desenvolvido no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra”, explica o curador, investigador e professor António Pinto Ribeiro. “Entre outras coisas, visitámos, nos últimos cinco anos, muitos artistas, galerias, instituições. E pudemos constatar o número alargadíssimo de projectos”. Neste momento, revela-nos, são já 1400 obras de 480 artistas com traços comuns: “São afro-europeus, de segunda e terceira geração. Não têm a nostalgia do regresso aos países de origem, ao contrário da maioria dos



Falling Thrones, de Márcio Carvalho. Em baixo, a escultura em gesso *Dada*, de Sabrina Belouaar. E o curador António Pinto Ribeiro

seus pais, ex-emigrantes ou exilados. Têm uma disposição transterritorial. Episodicamente vão à terra dos pais, recolher memórias, fazer trabalho de arquivo”.

Outro traço, acrescenta António Pinto Ribeiro, insere-se no plano da própria produção artística: “Estão na cena artística internacional e europeia. Encontram-se, quase todos, representados em importantes insti-

tuições e museus. Fazem parte de um universo que tem oferecido um contributo interessante para questões a que alguns dos nossos artistas não estão tão atentos”. São, em suma, obras de arte contemporânea, que identificamos nessa condição. “Olhamos e reconhecemos a linguagem, a forma, as referências da história de arte”, considera o curador. “Mas, ao mesmo tempo, há uma estranheza



que vem de um transporte subtil de memória. A memória da geografia, da cultura, a questão traumática, que em algumas obras é permanente e dolorosa. Noutras já foi transformada em compaixão, em perdão”. No primeiro grupo, podemos incluir as cartografias de Malala Andrialavidrazana, a peça de Sabrina Belouaar, a instalação de Sammy Baloji; no segundo, a bandeira transfigurada União Europeia de Aimé Mpane (numa peça que evoca os ícones religiosos) ou as esculturas fluidas de John K. Cobra.

A diversidade é um elemento agregador. Num total de 21 artistas de origem africana, estão sete de nacionalidade portuguesa, com laços ou memórias de África: Carlos Bunga, Délio Jasse, Francisco Vidal, Márcio Carvalho, Mónica de Miranda, Pedro A. H. Paixão, Paulina Valente Pimentel. António Pinto Ribeiro lembra-nos que não estamos a falar apenas de uma África, mas de muitas representações de África, de Madagáscar à Argélia, passando pela República Democrática do Congo, Angola ou Burundi.

No olhar que os artistas projectam



Há uma desconstrução subtil. Não ficamos pelo grau zero da relação com o espectador, dizendo-lhe ‘vejam como somos vítimas’

António Pinto Ribeiro
Curador



sobre o continente desvela-se uma relação entre a história e a memória. Eles confrontam a primeira com as suas próprias narrativas, as suas próprias experiências, as histórias que ouviram contar da família. “A maioria superou esse conflito [entre história e memória] porque se por um lado, se apropriam das memórias, por outro fazem trabalho de arquivo. Consultam e exploram arquivos públicos, privados”. Mónica de Miranda, Katia Kameli, Pedro A. H. Paixão, Márcio Carvalho ou Sammy Baloji ilustram essa abordagem. Este último artista é o autor de uma bellissima instalação que evoca a herança do imperialismo e do passado colonial: no chão colocou ogivas de artilharia em cobre da Primeira e Segunda Mundial usadas na Bélgica como vasos para flores. Mas as flores, na exposição, são originárias das zonas mineiras de Katanga, na República Democrática do Congo. É um trabalho que nos diz algo sobre o acontecimento histórico que está a abalar a Europa neste momento. “Estamos a assistir a algo idêntico ao processo colonial. O racismo, a ocupação, a exploração, os refugiados. A ocupação de um território, por aqueles que tecnologicamente são superiores do ponto de vista militar”.

Europa Oxalá, na sua relação com a memória e com o passado, mostra-nos obras das quais parece ausente qualquer ressentimento ou, mesmo, uma crítica de rosto fechado. “Há uma desconstrução subtil. Não ficaram pelo grau zero da relação com o espectador, dizendo-lhe ‘vejam como somos vítimas’”. Muitos trabalham o tema da compaixão. Ultrapassam o trauma de uma forma muito subtil e inteligente. E aqui entra o tema da pós-memória que, na verdade, está na base de toda esta produção”.

Como definir esse conceito? “[A pós-memória] é um trabalho que cada artista faz com o que lhe foi transmitido pelos pais e os avós. Habitualmente está associada às questões do trauma e do sofrimento. Neste caso, esse trauma, essa violência é tratada de outra forma. Está presente, mas sem espectacularidade. Por outro lado, não há uma pós-memória homogénea. Cada um tem a sua, introduzindo um discurso que vai para além do imediato”. E, nesse discurso, a desconstrução da história colonial pode contribuir para a descolonização do mundo e do espírito: a partir de uma Europa que encontramos retratada nos desenhos de Márcio Carvalho, na instalação de Aimé Mpane, nas *assemblages* de Sabrina Belouaar, no globo que gira, sem parar, de Fayçal Baghriche, nos desenhos a lápis de cor de Pedro A. H. Paixão, no filme *Le Roman algérien* de Katia Kameli.